

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NAS ESCOLAS NORMAIS LIVRES DO CENTO-OESTE PAULISTA (1940-1970): UMA HISTÓRIA POR MEIO DOS SABERES PARA PROFESSORES CONTIDOS NOS MANUAIS PEDAGÓGICOS UTILIZADOS POR ESSAS ESCOLAS

FERNANDA PLAZA RODRIGUES

ORIENTADORA: DRA. ROSANE MICHELLI DE CASTRO

Agência de fomentos: CAPES

E-mail: fernanda.plaza@unesp.br

RESUMO

Trata-se de um projeto de pesquisa em desenvolvimento em nível de Doutorado em Educação, tendo como objetivo geral de identificar, analisar e interpretar os saberes para a formação de professores contidos nos manuais pedagógicos utilizados nas Escolas Normais Livres do “Sagrado Rede de Educação” no centro-oeste paulista entre 1940 a 1970. Tal formulação surgiu a partir dos seguintes questionamentos: Quais obras e autores compunham os manuais pedagógicos utilizados na formação de professores nas Escolas Normais Livres na região centro-oeste, entre 1940 e 1970? Havia circulação desses manuais entre as Escolas Normais Livres do centro oeste-paulista? Como e quais as especificidades e contribuições desse *corpus* na formação de professores, segundo as vozes dos professor(a)s formado(a)s nessas escolas? Para tanto, espera-se desenvolver pesquisa histórica, quanto a abordagem, e documental, quanto às fontes dos acervos das instituições e pessoais de ex-alunos e alunas dessas escolas. À luz de Chartier (1990, p. 16), é possível afirmar que se trata de uma pesquisa que dialoga com a História Cultural, pois, segundo esse pesquisador, a História Cultural “[...] tem como objeto principal identificar a forma como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler.” Tomando a proposição de Chartier (1990) sobre a definição de História Cultural, Carvalho (2003, p. 272) entende que a “[...] história cultural dos saberes pedagógicos deve ser uma arqueologia dos objetos em sua materialidade.” A partir do exposto, propõe-se como estratégia de pesquisa a história oral e documental, onde se articulam contexto, história individual e coletiva. O recorte espaço/temporal se deve ao fato da época de funcionamento das Escolas Normais Livres “Sagrado Coração de Jesus” de Marília/SP, “São José” de Bauru/SP e “Nossa Senhora Aparecida” de Araçatuba/SP, ambas localizadas no centro-oeste paulista e do “Sagrado Rede de Educação”. A hipótese norteadora é a de que manuais escolares e a história oral proporciona uma leitura de aspectos da história da formação de professores e professoras nessas escolas, viabilizando ao historiador dados e indícios dos saberes que formaram os professores no Brasil.

Palavras-chave: História da Educação; Formação de Professores; Escolas Normais Livres; Manuais pedagógicos.

INTRODUÇÃO

O meu interesse em pesquisar sobre o tema História da Educação é decorrência de indagações que venho realizando sobre essa temática desde 2012, quando, na condição de aluna do 2º ano do curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), no Campus de Marília/SP, fez parte do projeto de extensão conhecido como “aula passeio”.

O projeto de extensão mencionado foi intitulado “A aula passeio para professores: conhecendo e ressignificando aspectos da história local”. Desenvolvido com professores de escolas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, e com coordenadores desses níveis de ensino, tendo como responsável a Dra. Rosane Michelli de Castro, tal projeto teve como objetivo:

Proporcionar aos professores da Escola de Ensino Fundamental I parceira, mediante a chamada “aula passeio”, o conhecimento ou o reconhecimento de locais e monumentos representativos da história local da cidade de Marília-SP, proporcionando-lhes a recontextualização em espaços históricos da história local da cidade e da história do Brasil, portanto, a apropriação de saberes para a ressignificação dos conteúdos de história a serem ensinados mediante processos escolares. (CASTRO, 2013, p. 2).

Após desenvolver ações como bolsista junto ao Núcleo de Ensino de Marília, surgiu-me a seguinte problemática: Como e quais possibilidades de inserção no planejamento de professores tanto da Educação Infantil, quanto do Ensino Fundamental, das aulas passeios para se trabalhar com aspectos da história local?

Foi, então, que iniciou a definição da temática de meu estudo no campo da História da Educação. Como desmembramento, um dos resultados dessas atividades e da que desenvolvi na graduação, destaco o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado: *Aula passeio como recurso metodológico para formação de professores: um estudo a partir de depoimentos de professores* (RODRIGUES, 2015), que retrata uma das técnicas de Freinet, que desenvolvi sob a orientação da professora Dra. Rosane Michelli de Castro a respeito da História da Educação em Marília/SP. Nesse trabalho, a fim de responder ao questionamento mencionado anteriormente:

Foi desenvolvida pesquisa, em nível de iniciação científica com o objetivo geral de reunir e analisar aspectos sobre a aula passeio como recurso metodológico para formação de professores, a partir de depoimentos de professores do Ensino Fundamental I. A hipótese norteadora foi a de que a recontextualização da história local da cidade de Marília – SP, mediante a aula passeio com professores proporcionará melhores condições para o planejamento e sua formação, instrumentalizando-os com novos saberes teóricos e, em decorrência, metodológicos, para o pensar historicamente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. (RODRIGUES, 2015, p. 15).

Ainda durante a graduação, em 2012, ingressei no Grupo de Pesquisa “GP FORME – Formação do Educador” liderado pela Dra. Rosane Michelli de Castro, em que permaneci até

maio de 2015, quando conclui a graduação em Pedagogia, e retornei como mestranda em 2017, tendo como líder do grupo Dr. Vandei Pinto da Silva.

Nesse grupo de pesquisa, atuei especialmente nas linhas de pesquisa “História da formação de professores no Brasil”, “Didática, currículo e fundamentos da educação” e “A pesquisa e a formação do educador”. Também ingressei em 2016 no Grupo de Estudos e Pesquisa “HIDEA-BRASIL’: História das disciplinas escolares e acadêmicas no Brasil”, liderado pela Dra. Rosane Michelli de Castro, ambos cadastrados no CNPq.

Minha trajetória em pesquisa de Iniciação Científica, bem como nos grupos mencionados, levou-me a refletir sobre a História da Educação e sobre a pesquisa científica, a partir dos sujeitos das escolas e mediante os artefatos culturais que eram elaborados por esses sujeitos, pude questionar quais os saberes para professores circulavam em periódicos escritos por alunos e alunas dos cursos de formação de professores.

Em 2017, passei a integrar o programa de Pós-Graduação em Educação da FFC, da UNESP, campus de Marília/SP, na condição de mestranda e desenvolvi pesquisa vinculada a linha “Filosofia e História da Educação no Brasil”, com orientação do professor Dr. Macioniro Celeste Filho. Com isso, elaborei a dissertação intitulada *Os saberes para professores elaborados na revista O Estudo (1922-1931)*. (RODRIGUES, 2019).

Nessa dissertação busquei identificar e analisar saberes para professores na revista *O Estudo*, elaborados por alunas, futuras professoras da escola Complementar/Normal de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, de 1922 a 1931. A fim de buscar a realização dessa pesquisa, recorri ao campo teórico-metodológico da História Cultural e pesquisa documental. Deste modo, decidi privilegiar todos os 31 exemplares da revista *O Estudo* entre os anos de 1922 e 1931, considerando que o documento foi escrito em um contexto histórico, por sujeitos de dada instituição e com propósito de leitura para um determinado público.

Após ingresso como professora da Educação Infantil na rede municipal de Marília/SP e no Colégio Sagrado Coração de Jesus de Marília/SP, passei a compreender a importância das demandas educacionais locais na elaboração dos currículos e dos modelos de formação de professores.

Daí, à luz dos resultados da minha pesquisa de mestrado e dessa minha compreensão sobre o currículo e modelo de formação de professores retratado em manuais escolares, surgiram os seguintes questionamentos: Quais obras e autores compunham os manuais pedagógicos utilizados na formação de professores nas Escolas Normais Livres na região centro-oeste, entre 1940 e 1970? Havia circulação desses manuais entre as Escolas Normais

Livres do centro oeste-paulista? Como e quais as especificidades e contribuições desse *corpus* na formação de professores, segundo as vozes dos professore(a)s formado(a)s nessas escolas?

O presente projeto tem como objetivo geral identificar, analisar e interpretar os saberes para a formação de professores, analisando o contexto social e cultural na qual era concebida a formação docente nas Escolas Normais Livres do “Sagrado Rede de Educação” no centro-oeste paulista entre 1940 a 1970.

Ainda como objetivos específicos são analisar e interpretar os manuais pedagógicos nas Escolas Normais Livres do “Sagrado Rede de Educação” no centro-oeste paulista entre 1940 a 1970, no processo de produção e circulação de saberes e o modo como esses livros circulados entre os normalistas, mobilizando autores, obras nacionais e internacionais, suscitando variedade de pensamento e cultura escolar. E também analisar e interpretar os saberes da Didática das Escolas Normais Livres do centro-oeste paulista, entre 1940-1970.

À luz de Chartier (1990), é possível afirmar que se trata de uma pesquisa que dialoga com a História Cultural, pois, segundo esse pesquisador, a História Cultural “[...] tem como objeto principal identificar a forma como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 1990, p.16).

Isso nos leva a tomar como *corpus* da pesquisa que ora se projeta, os manuais educacionais, uma vez que consiste em um *corpus* documental primordial para a história da educação, visto que, os manuais educacionais, são fontes relevantes, pois nos revelam as ideias que ocorreram no espaço educativo de uma determinada época e de uma determinada sociedade. E a pesquisa documental é diálogo de diferentes direções, com referencial teórico.

Nesse sentido, a análise dos manuais escolares que serão selecionados para a pesquisa pode contribuir para a História da Educação no Brasil. Portanto, elegi as Escolas Normais Livres do “Sagrado Rede de Educação” dada a sua importância na formação de professores, tendo em vista os temas do cotidiano e da cultura, podendo gerar novas pesquisas que possibilitem maior entendimento sobre as questões que inquietaram professores e alunos do início do século passado no Brasil.

É importante ter presente a enorme influência exercida nesse período pela instituição católica, seja através da organização das paróquias e das associações religiosas disseminadas por todas as partes do país, seja mediante a ação dos numerosos estabelecimentos educacionais e assistenciais fundados não só nos centros urbanos, como em cidades do interior. Deve-se também ressaltar as atividades dos religiosos junto às populações rurais mais carentes através da pregação das missões populares. Nesse período, cresceu também a importância e o âmbito de influência das editoras e das rádios católicas. A hierarquia eclesial, por seu turno, continuava a ter voz atuante e respeitada

junto aos poderes públicos. (MARCILIO, 1993, p. 102-103, apud CASTILHO, 2000, p. 49).

O centro-oeste paulista estava em seus primeiros passos para criação de Escolas Normais Livres e teria, hipoteticamente, sofrido também a influência da instituição católica no setor educacional, pois, conforme afirmou Castilho (2000) havia, desde início de 1930, uma demanda das cidades, por uma escola confessional para atender à alta paulista e a prosperidade agrícola dos municípios.

Além disso, Chartier (1990, p. 19) afirma:

Desta forma pode-se pensar a história cultural do social tomando por objeto a compreensão das formas e dos motivos, isto é, partindo das representações do mundo social, na qual os atores que dela fazem parte, possam traduzir as suas posições e interesses de forma objetiva, e que de forma paralela, descrevem a sociedade tal como pensam que ela seja, ou como gostariam que fosse. (CHARTIER, 1990, p. 19).

Tomando a proposição de Chartier (1990) sobre a definição de História Cultural, Carvalho (2003, p. 272) entende que a “[...] história cultural dos saberes pedagógicos deve ser uma arqueologia dos objetos em sua materialidade.”

Para Chartier (1990), a História Cultural não está desconectada da História Social, pois suas representações são produzidas a partir de papéis sociais. O autor alega sua compreensão de que não há real oposição entre mundo real e mundo imaginário.

O discurso e a imagem, mais do que meros reflexos estáticos da realidade social, podem vir a serem instrumentos de constituição de poder e transformação da realidade. Desta maneira, a representação do real, o imaginário, é em si, um elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo.

A luz de De Certeau (2011) o lugar social ressalta que a atividade de pesquisa histórica está inserida em um lugar, e a partir das propensões determinará o que será realizado ou não. O lugar social dos sujeitos apresenta sobre o levantamento do discurso do historiador. Pode-se pensar que o pesquisador tem o ato de construir o conhecimento e o objeto de estudo a ser explorado.

Percebe-se que os manuais das Escolas Normais Livres do centro-oeste paulista, são altamente relevantes e estudos a respeito são pouco divulgados no meio científico e educacional uma vez que abordam temas contemporâneos.

QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para desenvolver este projeto de pesquisa, mediante abordagem histórica centrada em pesquisa documental e bibliográfica, tem como etapa da pesquisa, identificar e analisar fontes documentais do período de 1940 a 1970, desse modo, decidi privilegiar os manuais escolares das Escolas Normais Livres do “Sagrado Rede de Educação”, considerando que os manuais foram circulados em um contexto histórico, por sujeitos contidos de dada instituição de ensino e com propósito de leitura para um determinado público.

Quanto ao material bibliográfico, este sendo constituído pelos estudos desenvolvidos sobre a educação, o ensino, nas Escolas Normais Livres no estado de São Paulo, no período de enfoque da pesquisa. Foi realizado uma pesquisa bibliográfica inicial sobre as Escolas Normais Livres e sobre os Manuais Escolares. Para isso, foi consultado utilizando as palavras-chave “Escolas Normais Livre 1940”, “Escolas Normais Livres do estado de São Paulo 1940” e “Manuais escolares 1940” na base de dados da UNESP “Catálogo Athena”, no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na coleção de periódicos científicos brasileiros da biblioteca eletrônica *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), no banco de dados da Universidade de São Paulo (USP), no acervo da Biblioteca da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e na base de dados da biblioteca da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), todos disponíveis via on-line.

Como critério para selecionar os textos para realizar a leitura selecionei teses, dissertações, artigos e livros sobre as Escolas Normais Livres no estado de São Paulo e os manuais escolares da época.

Nesse sentido, os primeiros documentos que integrarão o corpus da investigação serão documentos da época de funcionamento das Escolas Normais Livres “Sagrado Coração de Jesus” de Marília/SP, São José” de Bauru/SP e “Nossa Senhora Aparecida” de Araçatuba/SP, ambas localizadas no centro-oeste paulista, como históricos da escola, atas, discursos escritos, informativos e principalmente manuais escolares.

Com tudo, na breve análise do acervo da biblioteca do colégio “Sagrado Coração de Jesus”, Marília/SP, pode-se dizer que a escola ofereceu uma formação de professores, com os programas da disciplina de Didática. Em tais documentos, será analisado, quais as “finalidades reais”, o porquê se ensinou o quê ensinou nas disciplinas de Didática no curso e período tratado.

E principalmente identificar e analisar aspectos das fontes bibliográficas, publicadas nos vários formatos, sobretudo em manuais didáticos, nos quais pode-se identificar os conceitos, conteúdos e referenciais teóricos privilegiados para estudo.

Considerando o quadro teórico-metodológico desse projeto trabalhos, será realizado um trabalho de compreensão de aspectos constitutivos das Escolas Normais Livres do centro-oeste paulista, principalmente a partir dos sujeitos que vivenciaram como professores e alunos, cada qual em seu lugar histórico e social. Assim, tendo a intenção metodológica pautada na história oral. Realizando entrevistas semiestruturadas para ex-alunas e ex-professoras, com elaboração de um roteiro para análise com o intuito de retratar os acontecidos, pois a história tem a capacidade de rememorar o passado não se constitui somente como a lembrança de certo indivíduo, mas sim de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, dessa forma, as lembranças desse indivíduo são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não.

Nesta perspectiva, a história oral e documental pode ser utilizada em trabalhos que focam as trajetórias dos indivíduos, dos grupos, da sociedade e instituições, portanto, é adequada a esta pesquisa, que revelam dados que podem ser encontrados nos manuais em questão, e por se tratar de memória em depoimentos de ex-professoras e ex-alunas, que revelam dados do curso da Escola Normal Livre.

Nesse contexto, Halbwachs (2004) destaca que toda memória é coletiva, e, como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. A opção em entender a origem da história oral deve-se, sobretudo, ao conjunto de possibilidades que propicia.

Observa-se assim que a história documental é uma prática social de possíveis mudanças no conteúdo e no intuito da história, visto que a história é mutável propiciando a confirmação de novas áreas de investigação. Deste modo, as narrativas orais e a escrita são fontes que se completam, e assim os fatos podem ser alcançados pelas fontes vivas de informação, como biografias, histórias de vida, entrevistas e depoimentos.

Especificamente sobre história oral, Thompson (2002) menciona acerca de sua relevância enquanto uma contribuição para o resgate da memória, que de forma conjunta com fontes documentais constitui-se como memória física do homem, devendo ser preservada.

A história oral enquanto aquela transmitida oralmente, contribui para a história documental ao passo que esta constitui-se como registro e suporte para os fatos que também podem ser transmitidos de forma oral.

Observa-se a partir de pressupostos apontados por Thompson (2002) e Portelli (2009), que a metodologia da história oral consiste em trazer a voz “dos esquecidos, dos de baixo” e dos invisíveis/obscuros de forma a tornar esse discurso público.

Contudo, Meihy (1998) destaca que não é o propósito do historiador/pesquisador ser o porta-voz, ou “dar voz a quem não tem”, pois os sujeitos têm voz e falam, mais tem um “silenciamento” em suas falas na parte política, ideológica e cultural. Assim sendo, o historiador/pesquisador deve buscar evidenciar o valor da micro história, uma vez que todos fazem parte do mesmo processo social e histórico. É imprescindível valorizar o cotidiano, evidenciando que a história dos “cidadãos comuns” é trilhada em uma rotina explicada na lógica da vida coletiva de gerações que vivem o presente.

Portelli (2009) corrobora com Meihy (1998) ao mencionar que as fontes orais contribuem para a compreensão e estudo do tempo presente, pois só mediante elas podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época.

Thompson (2002) e Portelli (2009) entendem que a metodologia da história oral é basicamente um processo de criar relações entre narradores e narrados, entre acontecimentos no passado e narrativas dialógicas no presente, o que permite concluir que as narrações e a memória, elas próprias, são atos históricos e públicos, em termos de valor e relevância social.

A história oral centra-se nos sujeitos, em suas narrativas das situações vividas, nas experiências, na história (MEIHY, 1998). Entretanto, afim de que tal opção metodológica encaminhasse esse projeto para o alcance dos objetivos propostos, surgiu a necessidade, num primeiro momento, do estudo, compreensão e aprofundamento quanto aspectos fundamentais da história oral, como os seguintes, apresentados por Thompson (2002):

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e dos outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história. (THOMPSON, 2002, p. 44).

Contudo, é importante atentar-se para o fato de que o pesquisador deve ter muito cuidado ao usar a fonte oral e documental, assim como com todas as outras fontes. Nesse sentido, Thompson (2002) argumenta que nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual e que todas podem ser insuficientes, ambíguas ou até mesmo passíveis de

manipulação. Apesar das críticas, esse pesquisador evidencia a fonte oral por transformar os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribuindo para “[...] uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.” (THOMPSON, 2002, p.137).

Ainda, de acordo com esse pesquisador é importante destacar que:

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar a subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. Se assim é, porque não aproveitar essa oportunidade que só nós temos entre os historiadores, e fazer nossos informantes se acomodarem relaxados no divã, e, como psicanalistas, sorver em seus inconscientes, extrair os mais profundos de seus segredos? (THOMPSON, 2002, p. 197).

Compreender a oralidade como fonte histórica implica em também compreender que o conhecimento das relações dos homens no tempo deve ser feito mediante vestígios e indícios que caracterizam o chamado paradigma indiciário. Este paradigma possui raízes muito antigas e está intrinsecamente ligado à tendência expressa de identificação das causas a partir de efeitos; fundamentando uma trajetória caracterizada pelo conhecimento histórico, permitindo a construção de um quadro descritivo acerca do objeto investigado (BLOCH, 2001; GINZBURG, 2003).

A partir do exposto, propõe-se como estratégia de pesquisa a história oral e documental, onde se articulam contexto, história individual e coletiva.

Nos estudos sobre os manuais escolares, pode-se dizer que tiveram papel importante a desempenhar e são representativos da disseminação das ideias da Escola Nova que existiam no período histórico das Escolas Normais. A elaboração foi como “[...] livros de divulgação, contendo ensaios, relatórios de pesquisas experimentais ou propostas de ensino originais; e manuais de ensino para uso especialmente em escolas normais e institutos de educação” (MORTATTI, 2000, p.197).

Os manuais dessa época disseminavam diversos guias de formação e prática docente “[...] expondo desde a constituição de uma cultura profissional sob os auspícios da Escola Nova, passando pela política de racionalização do trabalho dos professores, até o processo de tecnização do ensino” (SILVA, 2002, p.15).

Os manuais “[...] fazem parte das leituras promovidas pela escola, pois são escritos que ordenam o conjunto de saberes a serem transmitidos aos normalistas, além de definirem com isso determinados modos de transmissão e apreensão desses conhecimentos” (SILVA, 2002, p. 4).

[...] pode-se afirmar que os manuais pedagógicos brasileiros, entre 1940 e 1971, enfatizam diferentes maneiras de se conduzir a formação e o

aperfeiçoamento do magistério, expondo desde a constituição de uma cultura profissional sob os auspícios da Escola Nova, passando pela política de racionalização do trabalho dos professores, até o processo de tecnicização do ensino. Para tanto, são reunidos saberes produzidos por diversos autores [...] (SILVA, 2003, p. 50)

Pode-se dizer que os manuais são essenciais e faz parte da cultura escolar da época e se faz refletir acerca das leituras circuladas na equipe de professores e alunos da Escola Normal. As etapas dos manuais escolares são a produção, a circulação, o uso, a seleção e avaliação. Avaliação pela editoração e também pelos professores.

[...] os manuais pedagógicos fazem parte das leituras promovidas pela escola, pois são escritos que ordenam o conjunto de saberes a serem transmitidos aos normalistas, além de definirem com isso determinados modos de transmissão e apreensão desses conhecimentos. Para além da função de formar estudantes, o gênero em pauta assume outra tarefa, qual seja, a de subsidiar a constituição da identidade de profissionais – professores primários – que devem atuar na formação de outros alunos. [...] (SILVA, 2003, p. 36)

E continua afirmando que,

Nos manuais escolares, é possível identificar formas específicas de apropriação das fontes utilizadas. Os avanços da psicologia, da filosofia, da sociologia, da história, da pedagogia, entre outras áreas comumente mencionadas nesses livros, passam de uma lógica científica (ou pelo menos esse é o estatuto a elas delegado) a uma perspectiva de interpretação que permite situar as contribuições desses conhecimentos para o ofício de ensinar. [...] (SILVA, 2003, p. 37-38)

Assim, compreende-se que os manuais escolares são elementos que compõem a cultura pedagógica. De acordo com Castro (2000), é preciso considerar que as construções discursivas influenciam por meio de suas características específicas no plano da seleção e organização dos conteúdos, bem como da elaboração e fundamentação ideológicas de uma instituição escolar.

A cultura pedagógica instalada nas Escolas Normais resulta do encontro da subjetividade com a objetividade numa determinada conjuntura histórica. Sendo assim, é correto afirmar que a cultura escolar é instaurada pelos sujeitos da escola, considerados os sujeitos da ação cultural (GRAMSCI, 2001).

Esses sujeitos sempre estão associados a grupos, seja no campo profissional, seja no campo artístico ou intelectual. Não são, também, apenas mero reflexo das condições sociais e históricas, porque suas representações e práticas sociais interferem e constroem relações sociais (GRAMSCI, 2001).

Dessa forma, é possível compreender, como Viñao (1998) descreve, que entender os espaços escolares com a valorização da materialidade, vai além dos aspectos funcionais, mas

também passa pela investigação de elementos com simbolização. Com isso, a tarefa de socializar e educar cabe aos espaços escolares, constituindo um campo de forças materiais e sociais que articula sua configuração entre o aberto e o fechado, o interno e externo, o que é comum e aquilo que é designado a uma pessoa ou grupo específico.

No interior de uma instituição são vários os elementos que compõem a cultura escolar, dentre eles pode-se citar os manuais educacionais, que circulavam nas Escolas Normais Livres e que foram de suma importância para a constituição de tal cultura, pois mediante eles, pode-se evidenciar o que os alunos e professores concebiam acerca da educação/âmbito educacional naquele determinado momento histórico, além dos manuais serem considerados elementos propagadores de conhecimento. (CASTRO, 2000).

Assim, em História da Educação é importante compreender o cotidiano da Instituição Escolar “[...] e não somente a legislação educacional, pois na busca de execução das normas encontram-se resistências, tensões e apoios, assim é necessário voltar-se para o que ocorreu no interior da escola [...]” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 26).

Nesse contexto, é importante não se deixar enganar com as fontes normativas, pois:

Não existe na História da Educação estudo mais tradicional que o das normas que regem as escolas ou os colégios, pois nós atingimos mais facilmente os textos reguladores e os projetos pedagógicos que as próprias realidades. Gostaria de insistir somente sobre dois pontos: os textos normativos devem sempre nos reenviar às práticas; mais que nos tempos de calma, é nos tempos de crise e de conflitos que podemos captar melhor o funcionamento real das finalidades atribuídas à escola. (JULIA, 2001, p. 19).

Em face dos pressupostos apresentados por Julia (2001), cabe ressaltar que a cultura escolar para além de normas e legislações, apresenta elementos valiosos para a História da Educação e para a compreensão da formação de professores no Brasil (ainda que não deva constituir-se como o único meio para se aproximar do passado). Alguns aspectos como os periódicos, as bibliotecas escolares, os relatos, os cadernos, dentre outros, juntamente com as normativas, favorecem uma aproximação do passado.

Em História da Educação, é primordial além das fontes normativas, buscar a internalidade das Instituições Educativas sob uma perspectiva histórica, valendo-se da utilização das diversas fontes referentes ao período analisado.

Neste projeto é descrito o valor da época em questão, que faz seu próprio processo de construção de identidade coletivamente com os sujeitos da época e está inserida em um contexto cultural característico. Com essa perspectiva, é que se faz necessário conceituar cultura escolar.

Considerando a cultura escolar como uma fonte de estudos, Chartier (2005) ressalta a importância de se analisar também a representação cultural em diferentes signos, gestos e ações, devendo-se observar que “[...] a cultura a transmitir, tal qual ela é definida tradicionalmente, é, portanto, o que faz o objeto de uma crença não individual, mas coletiva e inscrita nas instituições.” (CHARTIER, 2005, p. 26).

O pesquisador deve se atentar a todos os detalhes, como a sociedade, a política e a cultura de certo período, visto que os fatores externos são indispensáveis para uma melhor investigação de seu objeto de estudo.

Cabe aqui conceituar a teoria de Chervel (1990) sobre a cultura escolar e como a escola age pelas finalidades do ensino. O autor relata que dentre as finalidades do ensino abrangemos as “finalidades de objetivo” e as “finalidades reais”.

As finalidades de objetivo são “a ordem do legislador”, as legislações, os decretos, aquelas escritas nos textos, que segundo o historiador “são a primeira documentação a ser analisada pelo historiador das disciplinas escolares” (CHERVEL, 1990, p. 189). Já as finalidades reais estão no âmbito da história cultural, as práticas escolares concretas no interior da escola, no cerne da cultura escolar, isto é, os professores alteram as ordens e fazem adaptações na realização de sua prática docente.

Pode-se consentir com Chervel sobre a importância do trabalho do historiador das disciplinas escolares na diferenciação entre as finalidades reais e as de objetivo, pontuando que “é necessidade imperiosa para o historiador das disciplinas” (CHERVEL, 1990, p. 190). Contudo, o papel de desempenhar a função de historiador é importante não somente na história da educação, mas na história cultural.

Para Nóvoa (2005),

[...] uma das funções principais do historiador da educação é compreender esta lógica de “múltiplas identidades”, através da qual se definem memórias e tradições, pertencas e filiações, crenças e solidariedades. Pouco importa se as comunidades são “reais” ou “imaginadas”. Não há memória sem imaginação (e vice-versa). A história cumpre elucidar este processo e, por esta via, ajuda as pessoas (e as comunidades) a darem um sentido ao seu trabalho educativo. Para pensar os indivíduos como produtores de história. [...] Nunca como hoje tivemos uma consciência tão nítida de que somos criadores, e não apenas criaturas, da história. A reflexão histórica, mormente no campo educativo, não serve para “descrever o passado”, mas sim para nos colocar perante um patrimônio de ideias de projetos e de experiências. A inscrição do nosso percurso pessoal e profissional neste retrato histórico permite uma compreensão crítica de “quem fomos” e de “como somos”. Para explicar que não há mudança sem história. O trabalho histórico é muito semelhante ao trabalho pedagógico. Estamos sempre a lidar com experiências e a fabricar memória. (NÓVOA, 2005, p. 10-11).

Para Ginzburg (2003), o estudo por meio de vestígios e pistas caracteriza o chamado paradigma indiciário. O autor sugere ainda que o historiador tenha um olhar para os textos, para os fatos e para os documentos de forma a encontrar indícios que permitam vislumbrar detalhes que poderiam passar despercebidos.

Partindo desse pressuposto apresentado por Ginzburg (2003), a intenção desse trabalho com os manuais escolares, é investigar, nos referidos livros, manifestações da presença de outro sistema discursivo, que, ao longo da história, tem interceptado a sua voz.

Para De Certeau (2011, p. 88), a operação histórica:

[...] tem um efeito duplo. Por um lado, historiciza o atual. Falando mais propriamente, ela presentifica uma situação vivida. Obriga a explicitar a relação da razão reinante com um lugar próprio que, por oposição a um “passado”, se torna o presente [...] a imagem do passado mantém o seu valor primeiro de representar aquilo que falta [...] o lugar que ela destina ao passado é igualmente um modo de dar lugar a um futuro.

Nesse caminho do passado, De Certeau declara que a sociedade se faz presente através de textos históricos numa função performativa e que a linguagem permite relações com os outros do passado, pois a “historiografia se serve da morte para articular uma lei (do presente)” (DE CERTEAU, 2011, p. 110-111).

Os manuais pedagógicos e os depoimentos da normalistas, traz manifestações da presença de um outro num sistema discursivo, que ao longo da história tem interceptado a sua voz e discutir as transgressões que remetem ao poder de um “fantasma ou talvez de um possessor”, conforme salienta De Certeau (2011, p. 250), quando discute determinados indícios que “fazem oscilar o texto na direção do fora-do-texto, mas de uma maneira que permanece interna ao texto do saber”.

Chartier (2015) ressalta as formulações de De Certeau (2011) sobre o discurso, a narrativa e a persuasão, e também considerou a História como “conhecimento”, como “disciplina” articulada a um lugar de produção.

Produção de objetos determinados remete à construção do objeto histórico pelo historiador, já que o passado nunca é um objeto que já está ali; “operações” designa as práticas próprias da tarefa do historiador (recorte e processamento das fontes, mobilização de técnicas de análise específica, construção de hipótese, procedimentos de verificação); “regras” e “controles” inscrevem a história em um regime de saber compartilhado, definido por critérios de prova dotados de uma validade universal. (CHARTIER, 2015, p. 16, grifos do autor).

Dessa forma, a pesquisa histórica documental tem por tarefa dar visibilidade a essas possibilidades esquecidas, numa luta para tirar do silêncio um passado que a historiografia ainda não conta. (DE CERTEAU, 2011).

Neste sentido, os manuais educacionais possibilitam a percepção do sistema de ensino da época, assim como do interior da instituição no qual circulavam. No caso das Escolas Normais Livres do “Sagrado Rede de Educação” viabiliza uma parte da vida escolar, da cultura escolar e a representação da escola por meio das percepções dos estudantes e da equipe de professores, daquilo que se materializou frente ao que estava previsto.

RESULTADOS ESPERADOS

Com esse projeto de doutorado espera-se que com a trajetória metodológica de pesquisa, pode evidenciar manuais, autores e documentos que foram utilizados como base para a formação dos professores nas Escolas Normais Livres do centro-oeste paulista entre 1940 a 1970, sobretudo na disciplina de Didática, “como fazer”, em sua dimensão técnica e política, para uma história da formação de professores no Brasil, no período em questão.

Com base no exposto, compreende-se que alguns pressupostos teóricos enfatizam a importância da formação de professores, dos manuais escolares e depoimentos de sujeitos ativos no contexto, como fonte de estudos em História da Educação, considerando a relevância da cultura escolar e do ambiente da Escola Normal para a formação docente.

Compreendo que alguns pressupostos teóricos enfatizam a importância dos manuais escolares e os depoimentos orais como fonte de estudos em História da Educação, considerando a relevância da cultura escolar e do ambiente da Escolas Normais Livres para a formação docente. Ressalta-se também a importância dos normalistas e de suas contribuições para a profissionalização da docência considerando a conjuntura histórico-social do Brasil no referido período.

Assim, perpassando aspectos da história das Escolas Normais, é possível concordar com Chervel (1990), sobre que é necessário buscar a compreensão do porquê a escola ensina e o que ensina.

ATIVIDADES E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

O desenvolvimento deste projeto de pesquisa está previsto para 48 meses, comportando oito etapas semestrais. No período de 2020 a 2023, como se segue:

	2020												2021											
Meses	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Pesquisa bibliográfica		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Pesquisa documental		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Recuperação das fontes e sistematização dos dados e informações, mediante material, procedimentos e método explicitados.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Cumprimento dos créditos exigidos para obtenção do título de doutora.		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Cumprimento das atividades programadas.		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Produtos previstos: resumos e artigos os quais se espera comunicar em eventos científicos e em periódicos especializados.		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X					X	X	X	X	X	X	X	X	
	2022												2023											
Meses	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Produtos previstos: resumos e artigos os quais se espera comunicar em eventos científicos e em periódicos especializados.		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X					X	X	X	X	X	X	X	X	
Análise e interpretação dos dados e informações coletados e sistematizados – elaboração do texto de qualificação.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X													
Apresentação do texto de qualificação, perante banca examinadora.					X																			
Apresentação do texto final de dissertação de mestrado, perante banca examinadora.																							X	

REFERÊNCIAS

BLOCH, M. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CASTILHO, M. L. R. *Os Colégios das apóstolas do Sagrado Coração de Jesus no Estado de São Paulo (1927-1945)*. Marília, SP, 2000. 214p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC – Unesp, Marília. 2000.

CASTRO, R. M. de. *Vida e trabalho de professores primários: um estudo dos Anuários Do Ensino do Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Educação). Marília/SP, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2000.

CASTRO, R. M.; LIMA, E. A. de; MAGALHÃES, A. E. *A aula passeio com professores e professoras: conhecendo e ressignificando aspectos da história local*. Artigos: núcleos de ensino da UNESP, v. 2 - Metodologias de Ensino e a Apropriação de Conhecimento pelos Alunos. Faculdade de Filosofia e Ciências/Unesp-Marília, p.37-51, 2013.

CHARTIER, R. História intelectual e história das mentalidades: uma dupla reavaliação. *In: CHARTIER, R. A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, A. M. *Escola, cultura e saberes*. São Paulo: FGV Editora, 2005. p. 09-28.

CONCEIÇÃO, A. de N. *O Instituto de Educação de Presidente Prudente/SP (1953-1975): elementos para a história de uma instituição escolar*. 2017. 347f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2017.

DE CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p.143-179.

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, p. 9-43, 2001.

MEIHY, J. C. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1998.

MORTATTI, M. R. L. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo/ 1876-1994*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

NÓVOA, A. *Apresentação: Por que a história da educação?*. *In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria H. C. (Orgs.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil*, vol. II: Séc. XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PORTELLI, A. História Oral e Poder. *In: Simpósio nacional de história, Anais...*, Fortaleza: mimeo, 2009.

RODRIGUES, F. P. *Aula passeio como recurso metodológico para formação de professores: um estudo a partir de depoimentos de professores*. Trabalho de conclusão do curso – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2015.

RODRIGUES, F. P. *Os saberes para professores elaborados na revista 'O Estudo' (1922-1931)*. 2019. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2019.

SILVA, V. B. da. Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). In: *REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 2002.

SILVA, V. B. da. Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). *Revista Brasileira de História da Educação*. São Paulo: Autores Associados/SBHE, n. 6, jul./dez., 2003, p. 29-57.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VIÑAO, A. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: VIÑAO, A.; AGUSTÍN, E. *Currículo, espaço subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.